

As práticas pedagógico-musicais de licenciandos no estágio supervisionado em música: um relato de experiência em escolas de educação básica

Arthur de Souza Figueirôa
Universidade de Brasília
arthur_figueiroa@hotmail.com

Dielton Paulo Maranhão Monteiro
Universidade de Brasília
diel_pm@hotmail.com

Resumo: Este é um relato de experiência a partir do Estágio Supervisionado em Música 2, do curso de licenciatura em música, realizado no Centro de Ensino Fundamental – GAN 603/604 Norte e Escola Parque 210/211 Norte. Em nossa atuação utilizamos a composição como ferramenta na construção das atividades práticas. Como aporte teórico nos embasamos em Beinecke (2011) sobre atividades de composição; Abreu (2011) sobre a partilha de experiências a partir de suas vivências; Hentschke e Del-Ben (2003) sobre o planejamento. A reflexão da atuação nesse estágio foi fundamental para o enriquecimento de nossa formação, pois proporcionou amadurecimento das práticas pedagógicas decorrentes da constante construção da docência.

Palavras chave: Estágio Supervisionado em Música. Práticas pedagógicas. Construção da docência em música.

1 - Introdução

O presente trabalho é um relato de experiências adquiridas em aulas práticas ministradas no Centro de Ensino Fundamental – GAN 603/604 Norte e Escola Parque 210/211 Norte. Partimos da escola GAN, pois foi onde iniciamos a prática de estágio antes de nos transferirmos para a Escola Parque. Embora o estágio tenha sido concluído na Escola Parque, consideramos pertinente trazer relatos dos dois contextos. A Escola GAN é uma das diversas escolas brasileiras que não possui uma estrutura adequada para o ensino de música, pois não oferece recurso material e instrumental para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem. Outra problemática é a falta de professores licenciados em música atuando nas escolas da rede pública de ensino, obrigando o remanejamento de profissionais de outras áreas para atuar com o conteúdo música na disciplina de Artes.

No contexto da Escola GAN pensamos em trabalhar de forma interdisciplinar, pois é uma forma de dialogar com outras áreas do conhecimento, a fim de inserir a música no contexto escolar; até porque, nessa escola não há professores licenciados em música e sim em artes visuais. Inicialmente nossa compreensão sobre o assunto era limitada, porém após refletir sobre a bibliografia estudada, compreendemos que a interdisciplinaridade tem um significado mais amplo, não se aplicando apenas em interação entre disciplinas, mas também na relação entre aprendizado coletivo e individual. Ivani Fazenda explica esse pensamento afirmando que:

Entendemos a Interdisciplinaridade como um movimento que possibilita o diálogo entre os seres humanos e os saberes. Isto impõe uma nova consciência; o ensino pautado na comunicação convergente dos programas de estudo das disciplinas, no diálogo entre os professores e alunos em uma perspectiva de troca e enriquecimento de saberes individuais e experiências de vida, proporcionando a alegria da busca e do conhecimento, pois 'Hoje, mais do que nunca, reafirmamos a importância do diálogo, única condição possível de eliminação das barreiras entre as disciplinas. Disciplinas dialogam quando as pessoas se dispõem a isto (...)' (FAZENDA, 2003, p. 50 apud VALÉRIO, 2010, p. 46)

Segundo Kochhann, Omelli e Pinto (2007, p. 3) "A proposta interdisciplinar visa romper com as barreiras entre as disciplinas e superar o compartimentalismo do pensar, na busca de uma aproximação do saber como elo entre todos os conhecimentos dos diversos campos".

No decorrer do nosso estágio na escola GAN foi necessário mudar o local de atuação devido o professor da disciplina Artes ter saído de licença médica e, pelo fato do seu substituto não ser concursado, a escola não nos autorizou a permanecer atuando no referido contexto. Assim, voltamos a atuar na Escola Parque 210/211 Norte, local em que realizamos o estágio supervisionado 1. Uma vez que já havíamos estagiado neste local tínhamos conhecimento sobre a rotina da escola.

Ao contrário do GAN, a Escola Parque 210/211 possui uma estrutura mais privilegiada em relação às demais escolas da rede pública, visto que possui um grande acervo de instrumentos musicais, o que facilita o ensino da música. Para esse novo contexto mudamos nossa abordagem metodológica utilizando a composição como

ferramenta nas práticas de ensino, pois a proposta pedagógica das Escolas Parque é diferenciada, no que se refere ao ensino da música.

Em alguns encontros recebemos orientações da professora/orientadora do nosso estágio, Delmary Vasconcelos de Abreu, bem como tivemos a oportunidade de vê-la atuando em sala de aula, fato esse que nos proporcionou ampla visão e conhecimento para nos embasarmos prática e teoricamente. Isso, para nós foi de fundamental importância, pois observar o modo de ensinar música associado às vivências pedagógicas de nossa orientadora no contexto escolar, serviram como base para nortear e estruturar nossa atuação.

Observar nossa orientadora ministrando suas aulas na Escola Parque foi crucial para o desenvolvimento de nosso planejamento, pois pudemos conhecer as turmas que trabalharíamos, a estrutura da escola, os materiais e suporte pedagógicos que a instituição disponibilizara. Foi possível, a partir disso, conhecer o perfil dos alunos dessa escola para que traçássemos metas que viessem alcançar nossos objetivos pedagógicos, tornando mais conscientes nossas práticas. De acordo com Hentschke e Del-Ben (2003):

As informações obtidas pela avaliação – dos alunos, do professor (auto – avaliação), do currículo, dos materiais didáticos utilizados etc.- são o ponto de partida para repensarmos nossa prática de ensino e replanejá-la. É pela avaliação, isto é, pela análise e reflexão sobre o que acontece e sobre o que aconteceu durante o ensino, sobre a interação dos alunos com os conteúdos e atividades desenvolvidas, sobre suas respostas, suas ações, suas dúvidas e questionamentos, sobre nossa forma de atuar como professores, que podemos tomar consciência de nossa prática. (HENTSCHE E DEL-BEN, 2003 p. 184)

Neste estágio ficamos mais atentos ao aluno no que se refere às suas contribuições, pois primamos por trabalhar sua musicalidade e aproveitar o que ele traz de novo. Essa preocupação surgiu a partir de reflexões do primeiro estágio, pois por várias vezes, perdemos a oportunidade de aproveitar as riquezas que o aluno traz consigo para aula.

A partir dessas contribuições, nosso plano foi remodelado a fim de tornar as atividades coletivas mais ricas, em que os alunos pudessem participar ativamente dessa

construção. O fazer musical precisa ser trabalhado coletivamente, Del-Ben (2009) explica esse pensamento afirmando que:

[...] música é sempre algo a ser vivenciado, ou seja, não existe música se não houver pessoas se relacionando com música, quaisquer que sejam as formas que essa relação assuma. E aquele que se relaciona com música não é um sujeito isolado, sem vínculos, sem história, sem identidades. Aquilo que ouço, componho, toco, sinto, penso sobre música, e a partir dela, é construído coletivamente [...] (DEL-BEN, 2009 p. 129)

Essa construção coletiva foi o mote na formação do processo criativo, fomentando novas possibilidades juntamente com os alunos da Escola Parque. Pensamos em atividades de composição, porque percebemos durante as aulas que isso propiciaria momentos ricos do fazer musical. Segundo Beineke (2011, p. 97), “nesse processo, a apresentação das composições nas aulas parece conferir relevância às atividades realizadas em classe, conectando as crianças ao “mundo real”, ao universo musical que elas vivenciam fora da escola, em sintonia com suas ideias de música”.

2 - PLANO DE ENSINO

No início do estágio pensamos na abordagem que mais se adequasse ao contexto escolar, a fim de traçar metas para o planejamento. Isso nos fez refletir sobre nossa atuação em sala de aula, sobre qual seria nossa função como educadores, que papel teríamos como estagiários de música na escola e como seria a nossa formação como futuros professores. A função da música na escola é muito ampla, pois visa o crescimento do indivíduo como cidadão, desenvolvendo habilidades e potencialidades, se destacando positivamente na sociedade. Hentschke e Del-Ben (2003) afirmam que:

A educação musical escolar não visa à formação do músico profissional. Objetiva, entre outras coisas, auxiliar crianças, adolescentes e jovens no processo de apropriação, transmissão e criação de práticas músico-culturais como parte da construção de sua cidadania. O objetivo primeiro da educação musical é facilitar o acesso à multiplicidade de manifestações musicais de culturas mais distantes. Além disso, o trabalho com música envolve a construção de identidades culturais de nossas crianças, adolescentes e jovens e o desenvolvimento de habilidades interpessoais. (HENTSCHE E DEL-BEN, 2003, p.181).

Em nossas atuações propusemos experiências de vivência musical de modo a ampliar e aprofundar suas relações com ela, facilitando a compreensão e evidenciando as concepções dos alunos sobre música. Ponso (2011, p. 82) diz que, “as construções musicais dos alunos e o sentir-se competente nas realizações e atividades complementam e evidenciam concepções das crianças sobre música”.

A cada aula ministrada percebemos de forma global nossa atuação, avaliando se as dinâmicas nas aulas funcionaram ou não e como poderíamos repensar e reorganizar essas dinâmicas. Assim, percebemos a importância da avaliação no planejamento, fazendo-se primordial para a nossa reflexão, aprimorando nossa atuação pedagógica. Segundo Hentschke e Del-Ben (2003):

O mais importante é aquilo que vai acontecer na prática, ou seja, o planejamento em ação, a ação educativa propriamente dita. Segundo relatos informais de professores, é nesse momento que surgem os maiores dilemas: “o que aconteceu com meu planejamento? Por que essa atividade não deu certo?”. Essas são algumas das perguntas mais frequentes feitas pelos professores. É nesse momento que a avaliação entra em cena. Não há como retroalimentar o planejamento sem que haja um processo de avaliação eficiente. (HENTSCHKE E DEL-BEN, 2003, p.183)

Assim, entendemos que é de suma importância traçar um plano de ensino eficiente, pois, por meio dele poderemos sistematizar nossas aulas, metodologia, objetivos gerais e específicos, bem como nossa avaliação, estando também atentos a modificações durante a atuação.

3 - ATUAÇÃO NO ESTÁGIO EM DOIS CONTEXTOS ESCOLARES

Iniciando nossa atuação, visitamos o GAN para conversar com a professora da disciplina de Artes da escola, a fim de conhecer um pouco da rotina e realizar uma observação que nos ofereceria informações para prepararmos nossas aulas. De acordo com Cacione (2004, p. 76), “Observar é um mecanismo natural que possibilita ao indivíduo ficar informado sobre o seu contexto para nele melhor situar-se”.

Após concluir o plano de aula fomos até a Escola – GAN para iniciarmos nossas atividades educativo-musicais. Nosso planejamento consistia em criar atividades de

interação com os alunos, trazendo elementos para a aula a fim de dinamizar nossa atuação. No entanto, percebemos que essas atividades não estavam funcionando da maneira que esperávamos, e que nossa metodologia mais interativa não estava alcançando o objetivo que desejávamos. Para esse contexto, elaboramos, então, uma aula mais expositiva em que explicávamos conceitos musicais como altura, duração, intensidade; e, para a nossa surpresa, os alunos se envolveram mais. Compreendemos, então, que eles estavam condicionados a aprender de forma mais tradicional.

Uma vez inseridos novamente no espaço escolar da Escola Parque 210/211 Norte, local no qual realizamos o primeiro estágio supervisionado, procuramos aproveitar melhor o conhecimento trazido pelos alunos, manifestados em sala de aula, que na atuação passada foram percebidos, mas não aproveitados para um enriquecimento das atividades.

A Escola Parque oferece aulas de música, mas nem sempre há professores licenciados na área para atuar. Com isso, faz-se necessário o remanejamento dos professores de outras áreas para 'ensinar música'. Baseada em relatos de professores em sua pesquisa, Abreu (2011) afirma que:

[...] é visível a lacuna existente na estrutura organizacional das escolas, o que leva a remanejamentos constantes de professores para ocupar a área de artes. Porém, os professores aprendem a ser docentes à medida que mostram certa flexibilidade diante das situações com as quais se deparam no dia a dia da escola. (ABREU, 2011, p. 90)

Fizemos novamente uma observação para ter uma nova percepção sobre os alunos da Escola Parque. Isso foi muito importante, pois como atuamos anteriormente na Escola GAN estávamos voltados para esse contexto escolar, tendo em mente o plano de aula elaborado para as turmas de 7º e 8º anos.

O início da atuação na Escola Parque com alunos dos 4º e 5º anos se deu, primeiramente, com a apresentação dos instrumentos trazidos por nós. Começamos tocando a flauta transversal, e logo após apresentamos o clarinete e o violão.

A atividade seguinte consistia na apreciação por parte dos alunos de uma música do grupo brasileiro Skank chamada "Resposta". Distribuímos cópias da letra para que todos pudessem acompanhar e cantar junto conosco. Mas, percebemos que os alunos não

estavam tão participativos, e logo pedimos que sugerissem canções pertencentes ao seu universo musical, a fim de acompanharmos ao violão.

Uma aluna que estava ao nosso lado sugeriu a música de abertura da novela “Carrossel”, que era mais comum à turma. Então, todos começaram a cantá-la e nós imediatamente acompanhamos aquela melodia, tornando a atividade mais divertida. Após isso, um dos alunos se pôs a ler uma poesia de Vinícius de Moraes. Ficamos entusiasmados nesse momento, porque ele quis compartilhar a sua habilidade em ler.

Convidamos, então, o aluno para que viesse à frente da turma e lesse a poesia. Todos adoraram a iniciativa dele, e com isso percebemos que esse momento poderia ser aproveitado por nós também. Imediatamente outros dois alunos cantaram uma música que conheciam chamada Vagalume do grupo Pollo. Esse momento foi visto por nós com muita atenção, porque essas contribuições de suas vivências enriqueceram a aula e valorizaram a musicalidade individual ou em grupo, bem como favoreceram a aprendizagem no ensino da música. De acordo com Swanwick:

Cada aluno traz consigo um domínio de compreensão musical quando chega a nossas instituições educacionais. Não os introduzimos na música; eles são familiarizados com ela, embora não a tenham submetido aos vários métodos de análise que pensamos ser importantes para o seu desenvolvimento futuro (SWANWICK, 2003 *apud* BRAGA, 2009, p. 28).

Em outra situação de ensino os alunos falavam quais eram os instrumentos que mais gostavam de ouvir e nós os representávamos com sons musicais e executávamos através da voz e/ou de gestos sonoros brincando com fortíssimos e pianíssimos.

Esses sons eram inseridos numa música que se estruturava numa composição musical. Segundo Beineke (2011, p. 99) “[...] a composição é produzida num processo de exploração e improvisação no grupo, que vai construindo a música em conjunto”.

Percebemos também a tímida participação de um dos alunos que cantava baixinho algumas notas musicais, e com esses sons produzidos por ele, criamos um sentido melódico e inserimos também na música da turma. Entendemos que mesmo sem um conhecimento teórico aprofundado, ele mostrou sua musicalidade de forma natural e espontânea. Essa musicalidade traz um significado muito particular do aluno e podemos compreendê-la como

a ponta de um *iceberg*, pois sua interação com o grupo pode até acontecer num curto espaço de tempo, mas os desdobramentos provocados por essa interação fazem parte de uma constante construção do sentido musical.

Tivemos também a oportunidade de aprender com a vivência em sala de aula de outros professores da escola. As informações trazidas por esses docentes foram de grande importância, pois nas práticas do professor de música pequenos detalhes fazem bastante diferença na atuação, tornando a aula mais agradável para os alunos e mais fluida para o professor. A partir disso, entendemos que é possível agregar mais conhecimento e ganhar experiência na atuação, pois a partilha dessas informações com esses profissionais da área de música possibilita mais facilidades no momento da aula. De acordo com Abreu (2011):

As experiências compartilhadas entre professores se convergem para um único objetivo, que é a aprendizagem do aluno. A escola é um ambiente que congrega pessoas de diferentes visões e experiências. Por isso, é um espaço rico para partilhas, escutas e novas aprendizagens. Quando há partilhas de experiências, os professores com mais tempo de atuação profissional auxiliam aqueles que estão iniciando o seu processo de profissionalização dentro do espaço escolar. (ABREU, 2011, p. 176 – 177)

As últimas atuações representaram, para nós, um estímulo ao exercício da docência, pois vimos com maior clareza que nossa forma de atuar vinha se modificando ao longo dos nossos estágios. Constatamos que atuar em dupla proporcionou um acelerado amadurecimento e segurança na atuação. Aprendemos com os erros a repensar nossas estratégias de ensino. Um dos fatores que viabilizaram uma maior flexibilidade na aula e rápida adaptação foi nossa habilidade em tocar mais de um instrumento. Essa diversidade era uma novidade para os alunos, além disso, o uso variado desses é um grande recurso didático para as aulas.

Entendemos nesse processo de atuação que é importante para o professor de música ter, no âmbito de suas limitações, o conhecimento em alguns instrumentos musicais, harmônicos, melódicos e/ou de percussão. Entendemos isso, não no ponto de vista performático, mas didático, pois isso pode oferecer ao profissional um leque mais variado de

opções para que suas aulas não sejam cansativas, mas que surpreendam o aluno no dia a dia da sala de aula, enriquecendo assim sua relação com a música.

A aprendizagem da docência no curso de licenciatura em música, principalmente durante o estágio, foi a pedra fundamental na formação e construção constante de significados para o exercício de ensinar.

5 - Considerações finais

A partir de nossas experiências pudemos amadurecer bastante ao longo da jornada acadêmica, principalmente durante os estágios. Cada vivência com os alunos, professores e orientadores contribuíram para um enriquecimento da formação docente.

Refletir sobre nossas práticas foi um ponto observado atentamente, pois levantamos questionamentos do estágio anterior baseados nessas reflexões e com isso buscamos nos aprimorar pedagogicamente. Um dessas questões que elencamos nessa reflexão foi a autoavaliação de nossas práticas, que nos fez desenvolver uma constante busca pela construção da docência em música nos contextos escolares.

Isso foi fundamental para (re)pensarmos como seria nossa atuação na prática. Freire *apud* Silva e Araújo (2005, p. 2) afirma que, “a reflexão para a ação é a reflexão desencadeada antes da realização da ação pedagógica, através da tomada de decisões no momento do planejamento da ação que será desenvolvida”.

As interações com as duas escolas nos mostraram universos de possibilidades diferentes, motivando a autoavaliação na aprendizagem da docência. Essa autodescoberta possibilitou uma maior compreensão de que a experiência docente se adquire atuando, praticando e se deparando com os imperativos da escola e do que o aluno nos provoca a pensar, organizar e estruturar práticas pedagógicas que os envolva no processo de ensino e aprendizagem.

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos. Tornar-se professor de música na educação básica: um estudo a partir de narrativas de professores. *Tese* (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BEINEKE, Viviane. Aprendizagem criativa na escola: um olhar para a perspectiva das crianças sobre suas práticas musicais. *Revista da Abem*, Londrina, v. 19, n. 26, p. 92-104, jul.dez 2011.

BRAGA, Simone Marques. “UM POR TODOS OU TODOS POR UM”? Processos Avaliativos no canto-coral na escola profissionalizante em música. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2009.

CACIONE, Cleusa Erilene dos Santos. Avaliação da Aprendizagem: Desvelando Concepções de Licenciandos do Curso de Música. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Estadual de Londrina, 2004.

DEL-BEN, Luciana. *Sobre os sentidos do ensino de música na educação básica: uma discussão a partir da Lei nº 11.769/2008. Música em perspectiva*, v. 2, n. 1, 2009.

HENTSCHKE, Liane e DEL-BEN, Luciana. Aula de Música: do planejamento e avaliação à prática educativa. In: *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. (Org. HENTSCHKE, L. e DEL-BEN, L.). São Paulo: Moderna, 2003.

KOCHHANN, Andréa; OMELLI, Cristina e PINTO, Umberto Andrade. A prática Interdisciplinar da Formação de Professor: Uma Necessidade Paradigmática. *Colóquio da UFG*, 2006, atualizado em 2007.

PONSO, Carolina. Música na Escola: Concepções de Música das Crianças no Contexto Escolar. *Dissertação de mestrado em música*. Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAÚJO, Clarissa Martins de. Reflexão em Paulo Freire: uma contribuição para a formação continuada de professores. *V Colóquio Internacional Paulo Freire*, Recife, set. 2005.

VALÉRIO, Rosangela Almeida. Ilustração do texto verbal: uma leitura interdisciplinar. São Paulo, Volume 1, número 0, p. 46-55, Out, 2010.